

NARRATIVA E CULTURA POPULAR
NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Coleção ACADEMIA BÍBLICA
Coordenação: Paulo Nogueira

- *Além da hipótese essênica: a separação dos caminhos entre Qumran e o judaísmo enóquico*, Gabriele Boccaccini
- *Antigo Testamento (O): explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele*, Jean-Louis Ska
- *Imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica (A)*, John J. Collins
- *Literatura judaica entre a Bíblia e a Mixná: uma introdução histórica e literária*, George W. E. Nickelsburg
- *Misticismo apocalíptico do apóstolo Paulo (O): um novo olhar nas cartas aos Coríntios pela perspectiva da experiência religiosa*, Jonas Machado
- *Narrativa e cultura popular no cristianismo primitivo*, Paulo Nogueira
- *Paulo, o convertido: apostolado e apostasia de Saulo fariseu*, Alan F. Segal
- *Psicologia histórica do Novo Testamento*, Klaus Berger
- *Revisão legal e renovação religiosa no Antigo Israel*, Bernard M. Levinson
- *Viagem aos céus e mistérios inefáveis: a religião de Paulo de Tarso*, Sebastiana Maria Silva Nogueira

NARRATIVA E CULTURA POPULAR NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Paulo Nogueira



Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Coordenação editorial: *Paulo Nogueira*
Produção editorial: *Agência Igreja*
Imagem de capa: *Baptism of Christ*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Nogueira, Paulo Augusto de Souza
Narrativa e cultura popular no cristianismo primitivo / Paulo Augusto de Souza
Nogueira. – São Paulo: Paulus, 2018.
156 p. (Academia Bíblica)

ISBN 978-85-349-4795-4

1. Cristianismo – História 2. Cristianismo – Origem 3. Cristianismo – Aspectos
culturais – História 4. História eclesiástica I. Título II.
Série.

18-0824

CDU 27

Índices para catálogo sistemático:

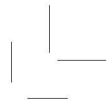
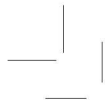
1. Cristianismo – História 27

Seja um leitor preferencial PAULUS.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Teleendas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11

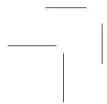


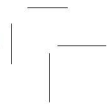
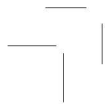
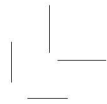
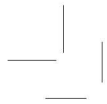
1ª edição, 2018

© PAULUS – 2018
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-4795-4



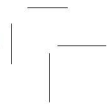
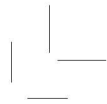
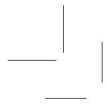
*Para Luciana,
meu amor*





Sumário

Prefácio	9
Introdução	13
Capítulo 1	
Cristianismo primitivo? Definições, delimitações cronológicas e exploração das fontes	21
Capítulo 2	
O cristianismo primitivo como religião popular do Mediterrâneo	47
Capítulo 3	
Os Atos Apócrifos e religiosidade popular do Mediterrâneo: Temas e narrativas folclóricas nos Atos de Paulo	73
Capítulo 4	
Ações públicas poderosas e subversão da realidade: os milagres do apóstolo nos Atos Apócrifos de João	93
Capítulo 5	
Entre monstros, animais e humanos: Ambiguidades e cruzamentos de fronteiras nos Atos de Felipe	111
Conclusões e perspectivas	135
Bibliografia de referência	143
Índice remissivo	149



Prefácio

A principal constatação – creio eu – que hão de fazer leitores e leitoras do presente livro, em particular da primeira das duas partes de que ele se compõe, seguramente será desencontrada, porque dupla e paradoxal: primeiramente, a de que muito a pesquisa fez e tem feito para deslindar as dinâmicas daquilo que seu afiadíssimo autor denomina, com todos os cuidados, “cristianismo primitivo”. E, imediatamente, a de que tudo está para ser feito, se se quer efetivamente adentrar o universo cotidiano daquelas pessoas – na sua quase totalidade anônima a nós – que, nos primeiros trezentos anos de nossa era, teceram modos criativos e surpreendentes – tanto para seu tempo quanto para o nosso – de experimentarem o cristianismo.

Com efeito, os dois capítulos que compõem a primeira parte do livro conduzem quem os leia a uma viagem teórica desafiadora, deslocando-se da exegese histórico-crítica à antropologia, da sociologia da religião à teoria da literatura. O universo das fontes se amplia de maneira quase desesperadora: aos textos que haveriam de constituir a grandeza “Novo Testamento”, estabelecida – ao

que parece – apenas no século IV, se somam necessariamente os escritos dos chamados “padres apostólicos”, bem como o universo daqueles denominados, genericamente, “apócrifos”. E não apenas para identificar o pensamento e a ação de quem, afinal, redigiu as obras que de alguma forma nos chegaram, mas, também e principalmente, para por meio delas acessar a obra desaparecida – não necessariamente reduzida ao que terá sido escrito – de gente como Marcião e tantos outros afogados sob o rótulo “hereges”. E, principalmente, por meio deste imenso *corpus*, contatar as experiências tecidas e vivenciadas pela ralé cristã dos primórdios; noutras palavras, as do autor: contatar o “cristianismo primitivo como cultura popular”.

Tal ampliação não esconde, por outro lado, um limite, do qual Nogueira tem total ciência: é praticamente só com material em letras que se pode contar; artefatos outros da cultura material são ainda mais raros na busca, de resultados virtualmente surpreendentes, por aquele(s) cristianismo(s) que, radicalmente distinto(s) daquilo que será a cristandade depois de Niceia e de Constantino, desafia(m) o entendimento e coloca(m) a todo momento o risco de projeções anacrônicas de concepções e práticas por parte de quem o(s) pretenda compreender em suas riquíssimas dinâmicas.

A mim, leitor que acompanho já de longa data a trajetória intelectual irrequieta e criativa de Paulo Nogueira, sempre insatisfeita com clichês acomodatórios ou com respostas apressadas a problemas complexos, parece não soar redutivo – pelo contrário, soa-me uma indicação promissora – tomá-la na contramão daquela proposta que, feita há quase oitenta anos por Rudolf Bultmann e desde então apaixonadamente assumida ou criticada, continua a reverberar nos estudos sobre o Novo Testamento e do(s) cristianismo(s) dos primórdios: aquela que, embasada nos mais sólidos e eruditos estudos da exegese bíblica histórico-crítica, e constatando que, nas palavras de Nogueira, “a roupagem mítica da linguagem bíblica impedia uma adequada apreciação de sua mensagem, o querigma”, postulava que “o texto tinha de ser despido de uma casca de credices e superstições do mundo do mito. Num procedimento

que supõe a separação entre linguagem e conteúdo, Bultmann substituiu sistematicamente o mito pela filosofia existencialista”. E se Nogueira identifica dois entre muitos motivos para tomar o “projeto historiográfico e hermenêutico” do mestre de Marburg – o da “desmitologização” – como anacrônico, eles de alguma forma indicam a quem se aventurar pelas páginas seguintes duas perspectivas amplas, preches de possibilidades múltiplas. A primeira diz respeito ao que entendo ser tarefa, toda e inescapável, de quem se propõe à investigação historiográfica e/ou antropológica, enfim, ao encontro com o “outro” de muitas faces e lugares socioculturais e políticos: a necessidade de as tantas vozes e expressões efetivamente ecoarem e reverberarem no texto acadêmico. O empenho em que a reconstrução de tal outro seja, o mais possível, distinto do que entendemos ser nós mesmos, que nos pomos a investigar. E não por mera conta de buscar o exótico pelo exótico, mas pelo imperativo ético de não fazer da reconstrução de um mundo outro – pois é isto, tudo isto e nada mais, que se propõe a fazer uma investigação como a que as páginas deste livro testemunham – senão a reprodução do nosso próprio, ou daquilo que se concebe como próprio e pertinente.

Uma outra perspectiva que o trabalho de Paulo Nogueira abre, no lugar antípoda ao daquele ocupado pelo projeto formulado por Bultmann, é a de recolocar a questão de quem seja este tal “homem moderno” ao qual o querigma deveria ser acessível. Bastaria tomá-lo como “voltado à ciência e tecnologia”? Nogueira é incisivo: o anacrônico de Bultmann se manifesta na estreiteza com que ele compreende a contemporaneidade: escrevendo em plena Segunda Guerra, e depois dela, “após o massacre violento de milhões [...] nos campos de concentração, diante de uma das maiores manifestações do demoníaco na história”, como entender sua ênfase no “otimismo da modernidade, como se os fantasmas e monstros míticos já estivessem varridos sob o tapete”? E, no nosso contexto particular, de país subalterno e forjado sob o relho, “na periferia do capitalismo” (Roberto Schwarcz), estruturado de cima a baixo na lógica da casa-grande e da senzala, em que se viabilizou a constituição do que Euclides da Cunha denominou “religião mestiça”, e que se refaz a

cada dia num sem-número de sincretismos e hibridismos que só faz crescer e surpreender; como dar conta de abordar o caleidoscópio religioso contemporâneo varrendo para baixo do tapete o mito e a magia, o demoníaco e o angelical, os orixás e os espíritos, as almas e os chás? Não correm nossas reconstruções e análises do religioso contemporâneo, calcadas muitas vezes – embora não de maneira confessada – no mesmo paradigma que embasou a aventura bultmanniana, o risco da descrição asséptica e bem-comportada, adequada aos modos, humores e expectativas de um certo público leitor – aquele que costuma acessar as produções acadêmicas sobre o assunto, mas bem pouco tocada dos humores e modos de quem tece e experimenta o religioso que buscamos compreender e interpretar? O racionalismo – se se me permite a expressão anacrônica e aqui algo redutiva – do romano Celso, desancando, em fins do século II, aquilo que lhe chegava do cristianismo, repugnante e vergonhoso, rude e desprezível, será muito distinto das perspectivas analíticas muitas vezes aplicadas ao entendimento (?) das dinâmicas religiosas nas sociedades de ontem e de hoje?

Assim, entendo que a obra que felizmente vem a público – e que muito me honra prefaciá-la – acerta o alvo em duas direções muito distintas: rumo ao passado e ao presente. Desafia as compreensões estabelecidas do que sejam os mundos sociorreligiosos das ralés de ontem e de hoje. Desconforta historiografias, antropologias e sociologias da religião. Os estudos que compõem a segunda parte do livro mostram como as narrativas dos “atos apócrifos dos apóstolos” tanto exigem ser lidos à luz do mundo radicalmente outro, que os viabilizou e os dotou de sentido, como são potencialmente inspiradores da tarefa de compreensão das expressões religiosas do presente.

PEDRO LIMA VASCONCELLOS

PROFESSOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)

Introdução

A história do cristianismo no mundo antigo é um dos tópicos de estudo mais fascinantes da história da religião. O cristianismo é hoje uma das grandes religiões mundiais, com presença significativa, quando não maioritária, em pelo menos três continentes, inclusive nas nações mais poderosas. Ele não somente tem milhões de adeptos nessas nações, como também ajudou de alguma forma a moldar seus valores e discursos de referência. Falar de cristianismo hoje em dia é, de certa forma, falar de cultura ocidental. Essa confluência entre cristianismo e cultura ocidental, no entanto, nem sempre é confortável, uma vez que o poder político do ocidente sobre as demais culturas e povos não é percebido como justo. O cristianismo também tem sua fama desgastada devido a sua relação histórica com o poder de impérios e aglomerados econômicos.

Estudar o cristianismo no passado, em sua origem, tem, no entanto, um potencial de crítica sobre essa relação estabelecida entre cristianismo e cultura ocidental, com blocos políticos e econômicos

poderosos. Afinal, ele surge nas margens de sua sociedade, de seu contexto político, econômico e social. É antes de tudo uma religião de camponeses galileus, de gente semi-analfabeta, que, no entanto, articulava seu discurso religioso em torno a movimentos de renovação política e religiosa de sua sociedade. Quando o cristianismo se torna um movimento religioso urbano e diversificado étnica e culturalmente em todo o Mediterrâneo, ele ainda é uma religião de marginalizados e de pessoas desprovidas de poder em sua grande maioria. Seu discurso não era alinhado com os centros de poder, sendo muitas vezes crítico e engajado em sua oposição.

Essa tensão entre a origem do movimento, do seu lugar na sociedade onde se originou e de sua relação de conflito com a sociedade estabelecida, é avaliada pelos leitores contemporâneos comuns da Bíblia a partir de diferentes perspectivas. Por um lado, há uma leitura inerte e acrítica que não reconhece as diferenças entre o ontem e o hoje. As narrativas e ensinamentos do Novo Testamento são lidos a partir dos valores vigentes, com projeções no passado de valores ocidentais. As diferenças são desconsideradas e o cristianismo é entendido como um bloco unitário, com concordâncias entre as origens e as práticas contemporâneas. Por outro lado, há grupos cristãos contemporâneos que são conscientes das complexas relações de poder entre o cristianismo ocidental e as formas de dominação das sociedades capitalistas. Nesses casos, há uma busca por rupturas e por diversidades nas origens. Os primeiros cristãos apontariam, nessa perspectiva, em suas tensões e lutas no passado, para caminhos alternativos e críticos para o presente.

Por detrás desse debate, sempre determinado por tensões e questões contemporâneas, há uma pergunta de fundo: o quão distantes estão os cristãos no mundo antigo de nosso horizonte cultural e religioso? Podemos, sem mais discussões e debates, evoca-los para justificativa ou crítica de nossas instituições? De fato podemos chama-los “cristãos” no sentido de que são a origem de um movimento no qual os chamados de “cristãos” contemporâneos se consideram os continuadores e herdeiros? Eles podem ser definidos como cristãos a partir de alguma definição essencial de conjuntos

de crenças, práticas, rituais etc.? Não haveria uma ideologia religiosa de fundo mesmo no exercício acadêmico de identificar nos textos do mundo antigo a origem de sistemas de crenças de instituições religiosas contemporâneas? Com essas questões não pretendo sugerir que o cristianismo não tem linhas de desenvolvimento histórico e que essas linhas não remetam a um passado remoto. Tampouco pretendo oferecer uma leitura do cristianismo primitivo que o isole de desenvolvimentos históricos, tornando-o uma espécie de oasis religioso no passado. Apenas quero apontar para o fato de que os desenvolvimentos não são lineares, que há bifurcações e pontos sem sequência. Antes de tudo quero argumentar que as origens não são transparentes, que elas precisam de tradução, que, portanto, não falam nossa língua. Interpretar o passado em história da religião não é apenas estudar continuidades, rupturas, diferenças de contexto, processos e seus desenvolvimentos, mas engajar-se em complexos processos de tradução cultural. Nosso universo cultural pode dialogar com o universo cultural do mundo antigo apenas por aproximação, por hipóteses. Essa dificuldade é ainda maior quando estudamos um grupo religioso sobre o qual sabemos muito pouco, e em relação ao qual cremos ter muita proximidade.

Permitam-me enfatizar: sabemos muito pouco sobre a vida, os contextos, crenças e práticas dos primeiros cristãos. Temos um conjunto fragmentário de fontes, parte dele com relatos e descrições idealizadas, e não temos acesso a praticamente nenhum artefato material dos dois primeiros séculos desse movimento religioso. Há também dúvidas sobre sua composição social, não se sabendo, por exemplo, que profissões praticavam, em que bairros moravam, em que suas configurações familiares diferiam das demais. Tampouco sabemos com precisão em que eles criam, o que conheciam sobre a origem de sua religião, como aderiam a ela e, mesmo, como eram suas práticas de culto e devoção.

Este livro é um convite para entrar no mundo dos primeiros cristãos por meio de um exercício de estranhamento. Proponho que o leitor e a leitora se permitam ver como esse grupo é diferente de

qualquer forma de cristianismo que conheçam ou que pratiquem. Permitam-se a surpresa e o desconforto. Também proponho que os aspectos humanizadores e libertadores sejam esquecidos por hora. Não os tomemos tão rapidamente como próximos do que podemos admirar. Com essa proposta, com esse contrato de leitura, não quero dizer que sou indiferente ao cristianismo das origens, que não os admiro como movimento religioso e como espiritualidade. Estou longe de conseguir exercer qualquer distanciamento asséptico e neutro. Apenas quero me permitir exercitar uma leitura na qual outras pautas emergjam que não as minhas. Que as esquisitices e peculiaridades de qualquer discurso religioso – e sabemos como elas são frequentes – não sejam varridas para debaixo do tapete do texto acadêmico. A proposta é propor uma hipótese de leitura do cristianismo primitivo que busque o acesso *nas próprias formas de expressão*. Tentarei fazer valer nessa leitura que a mídia é o conteúdo, ou seja, a própria forma de articulação cultural dos primeiros cristãos – por mais fragmentária que seja – será objeto de nossa atenção. Nosso compromisso em analisar as formas de expressão do cristianismo primitivo será concretizado em nosso texto no fato de que não analisaremos temas, doutrinas, práticas rituais isolados, fora de conjuntos textuais. As formas de expressão, composição, organizadas por personagens, tempo, espaço, cenários etc., serão prioritárias.

Nosso plano de trabalho está dividido em dois momentos. Num primeiro discutiremos questões metodológicas, terminológicas, de delimitação de fontes e cronologia. Buscaremos definir o campo de estudos que chamamos aqui de “cristianismo primitivo” e sua relação com a área de Novo Testamento, origens cristãs, e o que no Atlântico Norte se convencionou chamar de “Early Christian Studies”. Perguntaremos pelas fontes disponíveis, pelos limites da cronologia e pelas abordagens historiográficas que entendemos ser mais adequadas. Em dois capítulos, portanto, proporemos uma abordagem do cristianismo primitivo a partir da história cultural e, mais especificamente, de uma história da cultura popular no mundo

antigo. O objetivo dessa parte metodológica é oferecer aos leitores alternativas e complementos a perspectivas de estudo já consagradas como a história social e a história de crenças e doutrinas.

Nenhuma abordagem de história da religião pode prescindir de esforços de leitura das fontes. Essa é a parte mais difícil de toda a empreitada, onde nossos conceitos, por vezes redondos demais, se encontram com textos truncados, labirínticos, politicamente incorretos, que nem de longe correspondem ao que idealizamos do passado. Gostaria de ressaltar, no entanto, que é esse exercício que deve ser valorizado. Temos que nos aplicar ao estudo do estilo narrativo, vocabulário, metáforas empregadas, avaliações do mundo social, relações domésticas e públicas, referências ao mundo do além, entre outros. Espero que os leitores se deparem com um mundo fascinante, relativamente desconhecido, de relatos que desafiam nossos conhecimentos pré-concebidos do que seria o cristianismo das origens.

Delimitamos nossas fontes no universo das narrativas cristãs, no gênero literário que chamamos de Atos Apócrifos. Trata-se de um gênero literário que mescla elementos do gênero de Atos dos Apóstolos, dos evangelhos e da novela grega¹. São narrativas que têm como centro a atuação missionária dos apóstolos em diversas cidades e regiões do Mediterrâneo. Eles realizam milagres poderosos e convertem membros das elites locais, com certa preferência para matronas e esposas de governantes. No final dessas obras é narrado o martírio do apóstolo. Ou seja, são estruturados como relatos de missão, realização de milagres e martírio, ao estilo dos evangelhos, com elementos que evocam os temas das aventuras amorosas das novelas gregas. Trataremos desses aspectos mais à frente em nossa análise. Nossa escolha pela narrativa do cristianismo primitivo, no caso, os Atos Apócrifos, se deve ao fato de que se constitui num gênero literário que articula temas próprios do cristianismo, como a morte violenta de seus líderes, e temas de seu entorno social,

1 Conferir: THOMAS, Christine M. *The Acts of Peter, Gospel Literature, and the Ancient Novel*. Rewriting the Past. Oxford: Oxford University Press, 2003.

como as relações domésticas, as relações dos cristãos com membros das elites do império, além de exposições públicas dos poderes dos apóstolos milagreiros. Trata-se de imaginário em ação, de um acesso privilegiado a modos de percepção de mundo, de relações sociais em construção.

Faremos incursões em três narrativas: Os Atos de Paulo (e dentro dele os Atos de Paulo e Tecla), os Atos de João, e finalmente, os Atos de Felipe. A escolha destes três relatos, dentre outros possíveis, não é gratuita. Após propormos a hipótese no capítulo 2 de que o cristianismo tem conexões profundas com a cultura popular do Mediterrâneo, temos a oportunidade nos capítulos 3, 4 e 5 de explorar três níveis em que temas e modos de narrar da cultura popular são desenvolvidos pelos primeiros cristãos. Se num primeiro momento os temas do folclore e da oralidade são apropriados e desenvolvidos, num segundo momento entram em cena as ações ficcionais públicas, em relação a instituições definidoras de identidade e status de cidades importantes do mundo antigo. Na terceira análise de narrativa, exploraremos os aspectos mais complexos da narrativa dos primeiros cristãos quando desenvolvem temas do monstruoso e do grotesco, flertando com as formas da narrativa mítica. Desertos misteriosos e assustadores seres multiformes darão o tom dos relatos.

Nosso objetivo é propor uma hipótese de leitura do cristianismo primitivo, que nos tire de posições confortáveis, como as que mencionamos acima, de que nosso mundo estabelecido está fundamentado nas crenças e valores dos antigos, ou de que essa mesmas crenças e valores podem nos apresentar alternativas sociais e políticas para o mundo contemporâneo. Ainda que devamos buscar linhas de continuidade entre nós e os antigos, precisamos adotar práticas de tradução cultural, nos permitir ver nos textos bifurcações, caminhos não trilhados, que nos permitem ampliar as possibilidades de construção de mundo no passado e hoje. Essa abordagem do cristianismo primitivo a partir de fontes fragmentárias, mas que tinham pretensões de narrar o todo, em suas

particularidades, com seus modos de articular o mundo, pode nos abrir novas possibilidades para pesquisar e imaginar o passado.

Os capítulos deste livro e sua concepção geral são produto de interlocução de anos com muitos pesquisadores e com pós-graduandos, principalmente nos debates do Grupo de Pesquisa Oracula, da Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. A todos o meu agradecimento sincero. Para o desenvolvimento das pesquisas contei com fomento da FAPESP, no formato de auxílio regular à pesquisa, e do CNPq, na forma de bolsa produtividade. Também agradeço à Editora Paulus por apostar nessa publicação e pelo cuidado na sua edição.